



UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A MÚSICA EM SUA DIMENSÃO MULTICULTURAL

Milca Maria Cavalcanti de Paula ¹

RESUMO

O texto apresenta reflexões acerca da prática musical culturalmente diversificada no Brasil, dialogamos com os teóricos QUEIROZ (2002), TYLOR (1917) e NACHMANOWICZ, (2007) e SANTANA (2010). Compreendemos que a música é uma experiência universal, um fenômeno presente em todas as culturas e por tanto extremamente diversificada e por isso mesmo, importante demais para não ser usada na educação. O presente artigo constitui-se como registro de uma vivência pedagógica dentro da disciplina Ensino e diversidade cultural, realizada no doutorado UFRPE/RENOEN. O texto apresenta reflexões acerca da prática musical culturalmente diversificada e vivenciada em escola pública, onde fazemos uma reflexão com um olhar na fenomenologia. No doutorado estamos vivenciando a pesquisa com o tema: Música, movimento e educação: uma análise de processos de ensino e aprendizagem. Os resultados que foram colhidos no processo do mestrado e seguem agora no doutoramento, apontam que é salutar as práticas em sala de aula que reflitam sobre a música como uma manifestação cultural existente entre todos os povos e em todas as épocas da história da humanidade. Trazemos a reflexão de que o ensino da música deve partir da vivência do aluno em sua realidade socio cultural. Sugerimos ações concretas que são possíveis de se realizar na sala de aula com planejamento e objetivos claros.

Palavras-chave: Música, Cultura, Multiculturalismo, Fenomenologia, Ensino.

INTRODUÇÃO

Falar em ensino e educação é trazer um olhar voltado a cultura tão diversificada presente no espaço escolar. Reflete-se sobre a identidade e os saberes existentes nas práticas educativas. Entende-se que é urgente fazer uma reflexão sobre a importância de um cuidadoso olhar sobre a cultura. Iniciamos este artigo citando a frase de Ellsworth (1997), quando diz: “nenhum conhecimento nos evita a tarefa de pensar”. Nesse ato de pensar nos deparamos com a inegável temática da diversidade cultural existente no Brasil. Que infelizmente desagrega, mais do que que agrega. Onde o título de “estranho”, entra em sena com uma propriedade pejorativa e até separatistas dos indivíduos.

Acreditamos que é importante fazer algo para que haja uma melhor compreensão da diversidade cultural existente no Brasil e no mundo, para assim termos um olhar mais sensível de respeito a diversidade cultural. E em especial gostaríamos de dar um enfoque também na diversidade musical presente em nosso vasto território.

¹ Doutoranda em Ensino, Programa RENOEN, Universidade Federal Rural de PE- UF, milcanti@hotmail.com

Algumas perguntas, nos ajudam a pensar nesses momentos enquanto educadora: 1. Que formas de multiculturalidade minhas práticas produzem e se materializam na minha prática na sala de aula?; 2. Que espaços alternativos podemos criar para fazer nossos alunos compreenderem este tema? . Na busca por respostas a estas indagações nasceu este artigo, onde pretendemos refletir sobre a temática e quebrar alguns paradigmas, buscando mudança de atitudes em relação a alguns aspectos preconceituosos com relação a diversidade cultural e também musical.

Mas antes de tudo vamos aos conceitos que vão nortear nossa conversa. A primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico pertence a Edward Tylor, em seu livro *Primitive Culture* (1871).

Cultura é o conjunto composto de conhecimento, crenças, arte, moral, costumes e direito, adquirido pelos homens na vida em sociedade. Racionalista e evolucionista. (EDWARD TYLOR (1832 – 1917).

Tylor procurou demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capaz de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. A diversidade é explicada por ele como o resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução. Para ele a evolução das sociedades e culturas ocorreria de maneira previsível e uniforme, através de um caminho único, segmentado em três etapas de desenvolvimento: 1. **Selvagismo**: que por sua vez se dividia em inferior-médio (identificado pela pesca e o domínio do fogo) e superior (com domínio de armas como o arco e a flecha). 2. **Barbárie**: no nível inferior somente com o domínio da cerâmica e a domesticação; no nível médio com a conquista da agricultura e o ferro no nível superior. 3. **Civilização**: etapa correspondente aos povos que desenvolveram o alfabeto fonético e que possuíam registros literários.

Ele defendia a existência de uma natureza humana universal. A cultura é, então, um conjunto de traços comportamentais e culturais adquiridos. As ideias de Tylor foram fortemente influenciadas pelo livro “*Origem das espécies*”, de Charles Darwin. O conceito elaborado por Taylor dominou até a primeira metade do século XX.

Trazemos para o diálogo alguns autores para esclarecer de melhor forma a temática: **Franz Uri Boas (1858-1949)** - Nos traz sua visão e reação ao evolucionismo, denominado método comparativo. Este método inicia-se com ele, onde o mesmo atribuiu a antropologia a execução de duas tarefas: a) a reconstrução da história de povos ou regiões particulares; b) a comparação da vida social de diferentes povos, cujo desenvolvimento segue as mesmas leis. **Alfred Louis Kroeber (1876-1960)** - Os estudos do antropólogo americano Alfred Kroeber

permitiram que a cultura, decididamente, fosse percebida como uma dimensão de total oposição à dimensão natural. A formulação do conceito de Kroeber esclarecia que a cultura consistia na ruptura com o biológico, que o comportamento do homem era aprendido, nada era transmitido geneticamente. Para esse antropólogo, foi a cultura que permitiu ao homem se distanciar do mundo animal. Diferente de todos os outros animais, o homem é o único animal capaz de inventar modos de vida, adaptar-se a situações e/ou ambientes adversos, transformar o meio no qual está inserido ou até mesmo recriá-lo, em outras palavras gerar cultura.

Essa concepção muito contribuiu para o estabelecimento de uma atitude de compreensão e respeito às diferenças entre os grupos humanos. Pois características humanas, por muitos estudiosos consideradas inatas, herdadas biologicamente, passaram a ser vistas como aprendidas.

TEORIAS MODERNAS SOBRE CULTURA

Tópicos importantes a serem destacados sobre as novas reflexões sobre a cultura, sua compreensão e respeito as diferenças precisam também ser registrado nesse artigo. Tecemos por isso algumas considerações a respeito.

A tarefa da antropologia moderna é fazer a reconstrução do conceito de cultura, fragmentado por numerosas reformulações ao longo do tempo. Nesse processo procuram sintetizar os principais esforços para a obtenção deste objetivo. A tarefa está sendo facilitada com a utilização do esquema elaborado pelo antropólogo Roger Keesing em seu artigo "*Theories of Culture*" (In: LARAIA, 1997). Em seu artigo há uma tentativa moderna de obter uma precisão conceitual. A sua teoria considera a cultura como um sistema adaptativo, difundida também pelo neo - evolucionistas, Leslie White. Segundo ele: 1. Culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. 2. Mudança cultural é primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural. O homem é um animal e, como todos animais, deve manter uma relação adaptativa com o meio circundante para sobreviver. 3. A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social estão diretamente ligadas à produção e constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam e se formam multifaces culturais.

No que diz respeito as teorias modernas de cultura, há também a teoria idealista que se desdobra em três abordagens: **a)** A primeira abordagem é a dos que consideram cultura como sistema cognitivo; **b)** A segunda abordagem é aquela que considera cultura como sistemas

estruturais; c) A terceira abordagem, é a que formula uma nova teoria da unidade psíquica da humanidade, considerando cultura como sistemas simbólicos.

DIVERSIDADE NA SALA DE AULA: A MÚSICA SOBRE UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Entendemos que a música, tem sua relação direta com a cultura. Ela encontra um espaço dentro de cada ser humano e dentro dos grupos sociais e espaços com significados e valores distintos, que se particularizam em cada contexto sociocultural (Queiroz, 2002). Assim, para buscar um entendimento de uma cultura e/ou grupo social é de grande relevância consideramos quais os tipos de música existentes, e como eles são vivenciadas pelos membros dessa cultura desse grupo. Pensar na sala de aula é pensar em respeito às diferenças, sociais, religiosas, de gênero e também musicais.

Devido nossa dupla formação em Pedagogia e Música, vemos a necessidade de trazer para o diálogo escolar também reflexões sobre o uso da música dentro da escola. Inclusive assegurado pelos documentos legais da educação, como por exemplo na Base Nacional Comum Curricular (BNCC,2018) que diz que a música é a expressão artística que se materializa através dos sons, que vão ganhando forma, significado e sentido no âmbito da sensibilidade como também nas interações sociais como resultado de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio das diversas culturas (BNCC, pág. 195). Neste documento tão atual também há o registro da importância da educação musical nas escolas em toda educação básica.

Reconhecemos a existência de uma variedade de culturas musicais, que nos faz entender que o educador, seja ele educador musical ou não, está diante de questões complexas que necessitam ser refletidas, discutidas e compreendidas, o que somente é possível através do diálogo com outros campos do conhecimento. Nesse sentido as abordagens educacionais ganham dimensões amplas, com o intuito de poder contemplar a complexidade do seu campo de estudo. Dessa forma, a educação musical precisa pensar na disciplinaridade como base também na interdisciplinaridade. Sabe-se que a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos, costumes e crenças que muitas vezes os mantém separados. Precisamos cada vez mais pensar na diversidade e nos modos de comportamento entre os diferentes indivíduos, para os respeitar e lhe garantir espaço na sociedade.

Após a apresentação desses conceitos para esclarecimento da temática, trazemos como exemplo a prática pedagógica que realizamos com outros alunos do curso de doutorado em ensino (UFRPE/RENOEN), onde os alunos da disciplina de Ensino e Diversidade Cultural, foram provocados pela docente da disciplina a fazer um documentário com enfoque na linha de pesquisa de cada aluno, refletindo sobre a cultura e o multiculturalismo existente no Brasil. A

proposta era que cada aluno (a), fizesse em vídeo um documentário e escrevesse um registro de uma vivência realizada com suas turmas em sala de aula. Em nosso caso, realizamos um documentário que buscou possibilitar uma reflexão entre Música e cultura com o registro de vivências praticadas com alunos do ensino médio.

Para realizar o trabalho solicitado pela docente na disciplina do doutorado, decidimos registrar de forma escrita nesse artigo e também no documentário que foi gravado em vídeo e socializado no nosso canal do YouTube (que está disponível no link que se encontra nas referências no final deste trabalho). Nossa experiência com atividade envolvendo ações educativas socioculturais, que se deu durante nossa pesquisa do mestrado e que surtiu um bom resultado, digno de registro, porém só escrito agora no processo de doutoramento.

Entendemos que falar em diversidade Musical é falar em respeito. Compreendemos que a música é uma experiência universal e por tanto extremamente diversificada e por isso importante na educação. O presente artigo se constitui como um recorte da pesquisa do doutorado que está em andamento e que tem por tema, Música, Movimento e educação: uma análise de processos de ensino e aprendizagem pelo método Orff. O atual registro é fruto de uma das disciplinas vivenciadas nesse caminho.

Seguimos na busca por respostas, as perguntas iniciais deste artigo: Que formas de multiculturalidade minhas práticas produzem e se materializam na minha prática na sala de aula?; Que espaços alternativos podemos criar para fazer nossos alunos compreenderem este tema?. Na tentativa de responder as indagações, trazemos o registro das práticas da formação continuada em que nos encontramos, trazemos a escrita, de experiência, de como nossas práticas podem trazer o assunto do multiculturalismo para a sala de aula.

Buscamos desenvolver uma educação musical que parta do conhecimento e das experiências que o jovem traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que podem contribuir para uma educação humanizada. Diante da realidade da escola pública onde fizemos a pesquisa (Escola EREM Don Vieira), questionamos, o que fazer então?. Decidimos fazer uma escuta entre os alunos do grupo focal, para fazer um levantamento do que poderíamos realizar em nossos encontros de intervenção, e o que poderíamos desenvolver nesse processo. Utilizando a metodologia da pesquisa ação e tendo como *locus* da pesquisa, alunos do 1^a ano B, da citada escola, optamos por escutar a turma. Destacamos aqui, o importante ato de ouvir os alunos, seus interesses e gosto musical, para poder extrair deles o que pedagogicamente poderíamos desenvolver, e fazer daquele momento de pesquisa um ato de experiência musical universal, bem recheado de práticas diversas em musicalidade e aquisição de muito conhecimento.. No ato desta escuta, observamos através das falas dos alunos um indicador de

intenção, o desejo de vivenciar atividade culturalmente diversificada. Houve um evidente desejo de fazer ações práticas nas aulas, não apenas leitura sobre a arte, cultura e música. Mas vivências com ações práticas, que dialogam com outros campos dos saberes educacionais. Após a escuta, optamos por fazer um projeto que envolvesse os alunos em algumas oficinas práticas sobre vários ritmos musicais, dentre eles foram trabalhados o frevo, a ciranda, o samba dentre outros, (fotos podem ser vistas no documentário no link que consta nas referências). Durante as oficinas podemos tratar diversas temáticas transversais como, respeito a diversidade, política, hábitos sócio culturais, ciências, geografia etc.

Cabe aqui relembrar os conceitos de: **Interdisciplinaridade** que é a inter-relação entre os saberes, gerando uma racionalidade tangível por todos/as dando sentido à vida. E **Transdisciplinaridade** que é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber, é uma aventura do espírito. A Transdisciplinaridade é uma nova atitude, é a assimilação de uma cultura, é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo. É uma teoria do conhecimento. (BASARAB, 1999). Ao trazer a música para a sala de aula trazemos esse resgate interdisciplinar e transdisciplinar, observando que a música faz parte do dia a dia dos alunos e por isso se torna um gancho maravilhoso e lúdico para falar de diversos componentes curriculares.

Entendemos que “A música constitui uma rica e diversificada expressão do homem, sendo resultado de vivências, crenças e valores que permeiam a sua vida na sociedade”. (QUEIROZ, 2002). Por este motivo é preciso entender a voz do estudante atual, seus ritmos, estilos sonoros, textos das letras e rimas que refletem o que eles sentem e querem dizer. Como expressão cultural, a música pode ser considerada veículo universal de comunicação, pois todos os grupos humanos realizam experiências musicais como meio de expressão, contato e representação de seus simbólicos culturais.

A diversidade musical se manifesta naturalmente na escola, já que distintas expressões musicais adentram cotidianamente o universo escolar, vindas na bagagem cultural dos alunos, a partir das experiências sociais que estabelecem em sua vida cotidiana. Assim, de forma individual ou coletiva, seja ouvindo nas mídias sociais, assistindo na televisão, navegando pela internet, brincando com amigos etc. o fato é que a música está no nosso dia a dia e, de forma mais ou menos consciente, todos estabelecem algum tipo de relação como essa expressão cultural. (PAULA, 2016)

Nas últimas décadas tem se presenciado profunda modificação no pensamento, na vida, e no gosto dos jovens, ainda mais em um momento pandêmico. Com o advento de novos paradigmas perceptivos, novas relações tempo e espaço, múltiplos interesses, poderes, modos tecnológicos de comunicação, verificam se as transformações mais variadas que se processam

simultaneamente, trazendo outras relações entre os jovens, os equipamentos eletrônicos, os sons e a internet. O ritmo de pulsação excitante e envolvente da música é um dos elementos formadores de vários grupos que se distinguem pelas roupas que vestem, pelo comportamento que os identificam e pelos estilos musicais de sua preferência, seja o Rock, MPB, Sertanejo, Reggae, Pagode, Funk, entre tantos outros. Junto a essas mudanças ocorrem outras, o que faz com que muitos se perguntem: como são os hábitos musicais dos adolescentes e jovens atualmente? Como está se formando o gosto musical dos adolescentes? Muitas vezes o som que eles ouvem está associado ao volume intenso, a fatos de sua vida agitada, aligeirada fruto de uma sociedade superficial e capitalista. Em nosso país, a maioria dos jovens não toca um instrumento musical, mas gostaria de fazê-lo, alguns dizem que “não tem voz”, mas gostariam muito de “saber cantar direito”. Questionamos, por que será que eles não podem tocar um instrumento musical ou cantar melhor?. Será que a escola lhes rouba esse direito garantido pelo currículo, de estudar música na escola? Ainda não temos uma resposta completa para essas indagações, mas, as trago, para uma reflexão devido a sua importância. O educador musical e compositor Zoltán Kodály (2882-1967) já dizia: “Que a música pertença a todos”. Por isso entendemos e defendemos a necessidade de sua aplicabilidade na sala de aula.

Vemos no cotidiano dos jovens, nossos estudantes, a música por todos os lados, vivendo junto aos seus amigos, ouvindo, consumindo e apreciando inúmeras músicas. E nesse caminho de suas vidas, suas escutas vão se formando o gosto musical de cada um que precisa ser respeitado e trazido para o âmbito escolar. Os alunos acompanham os sucessos musicais, assistindo a vídeos clipes, na internet, envolvendo - se nas redes sociais. Ele, nosso aluno, é o grande receptor das músicas da moda. E como a escola lida com essas pessoas, alunos? É necessário procurar e repensar caminhos que nos ajudem a desenvolver uma educação de inclusão musical que considere o mundo contemporâneo em suas características e possibilidades culturais, para poder ter um diálogo aberto com os alunos.

Por todas as razões já descritas, trazemos nesse artigo essa temática de direito e respeito ao aluno. Por meio das oficinas realizadas dentro do projeto, por exemplo, podemos trabalhar a sonoridade que está a nosso lado cotidianamente (SCHAFER, 1991). Ao proporcionar que os alunos ouçam e experimentem as possibilidades da sua voz, o aluno começa a categorizar e a dar significado aos sons que antes estavam isolados, agrupando-os de forma que comecem a fazer sentido para eles. Pensando na importância que essa experiência teve, também decidimos a transformar em documentário. Maffioletti (2001, p. 130) escreve que é isso que fará do aluno, um ser humano capaz de compreender os sons de sua cultura. Por meio desse contato com vários ritmos e músicas, durante as oficinas o aluno começa a desenvolver uma identidade com

a música que está a sua volta. É por isso que ela assume significados diferenciados em cada cultura, segundo Penna (2010) devido à música ser:

[...] uma linguagem cultural, consideramos familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência; justamente porque o fazer parte de nossa vivência permite que nós nos familiarizemos com os seus princípios de organização sonora, o que torna uma música significativa para nós. (p. 21).

Reforçamos a importância dos alunos terem esse contato com uma linguagem cultural específica, e com o ensino da música nas escolas podemos contribuir para que esse processo ocorra. Torna-se importante para o aluno começar a se relacionar com a música ainda que seja no ambiente escolar, pois é nessa fase que ele constrói saberes que iram utilizar para o resto de sua vida. Mas para isso é importante que eles consigam entendê-la. Gordon (2000) ressalta que através da música, os alunos aprendem a conhecer-se a si próprios, aos outros e à vida.

Entendemos que a música nos aparece como fenômeno social. A música se constitui em uma rica e diversificada expressão do homem, sendo resultado de vivências, crenças e valores que permeiam a sua vida na sociedade. Por isso, é preciso fazer um registro da música com um olhar no campo da fenomenologia.

Entende-se por fenômeno, aquilo que surge para uma consciência, o que se manifesta para essa consciência, como resultado de uma interrogação. Do grego "phainomenon" significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra para o sujeito interrogador, do verbo "phainesthai" como mostrar-se, desvelar-se. Então fenômeno é, tudo o que se mostra, se manifesta, se desvela ao sujeito que o interroga. E a música aqui se mostra como um fenômeno que se mostra e que está presente em todas as culturas.

A fenomenologia proposta por Husserl (1859-1938) é uma volta ao mundo da experiência, pois este é o fundamento de todas as ciências. Ele enfatiza a volta ao "mundo vivido", termo introduzido por Husserl, que rompe definitivamente com a pretensão de uma epistemologia das ciências humanas fundada a partir do modelo das ciências naturais: antes da realidade objetiva há um sujeito conhecedor, antes da objetividade há o horizonte do mundo e antes do sujeito da teoria do conhecimento, há uma vida "operante". Nessa vida operante há gostos, sentimentos, emoções que são expressados pela arte, dentre elas a música. A fenomenologia tem a preocupação de descrever o fenômeno e não de explicá-lo, não se preocupando com o buscar relações causais. A preocupação será no sentido de mostrar e não apenas demonstrar, e a descrição do ato de mostrar prevê um rigor, pois, através da rigorosa descrição é que se pode chegar à essência do fenômeno. Na fenomenologia olhamos para as coisas como elas se manifestam.



Vemos na proposta da fenomenologia a volta às coisas mesmas, uma terceira via, uma alternativa proposta por Husserl entre o discurso especulativo da metafísica e o raciocínio das ciências positivas. Nega, então, a existência do sujeito e do mundo como sendo puros e independentes um do outro; o conhecimento só será alcançado no próprio existir. O objeto do conhecimento não é o pensador nem a realidade em si, mas, a realidade enquanto vivida. Consciência é sempre consciência de alguma coisa. Intencionalidade é o mesmo que dirigir-se a algo, forma de entrar em contato com um objeto ou de estabelecer referências entre consciência e seu objeto.

Os atos humanos são chãos de intencionalidades e essa intencionalidade é um comportamento que deve ser dirigida a alguma coisa no mundo. A consciência tem essa capacidade e o sujeito que vive a experiência está fazendo isso. Para Husserl (1859-1938), não há fase ou aspecto da consciência humana que surja de si e por si própria; consciência é sempre consciência de alguma coisa não havendo fenômeno que não seja fenômeno para uma consciência.

Bascaremos refletir então e entender a música a partir da fenomenologia. Schopenhauer (2001), considera a música, a grande e a magna arte perfeita, porque, a seu ver, consegue traduzir o verdadeiro espírito do homem. Seu caráter universalizante ultrapassa toda a individualidade que possa existir, dentre todas as artes, não será somente aquela que irá expressar as ideias ou o grau de objetivação da vontade, mas expressa a própria vontade e por isto é a arte mais profunda e universal.(SCHOPENHAUER, 2001).

Refletindo e caminhando para um conceito filosófico, a música é feita de uma série de formas sonoras que não têm outro conteúdo senão elas mesmas. Neste ponto, no terreno da fenomenologia, pode-se dizer que a percepção musical é alimentada pela dinâmica do fato musical, tornando-se necessário “habitar” a música. (Carneiro, 2013)

Para melhor entender esse efeito de “habitar” a música e como ela causar efeitos distintos em cada pessoa, é importante entendê-la como um fenômeno. Para os gregos antigos, fenômeno é tudo aquilo que aparece. Ou seja, o fenômeno é uma mera aparição, contraposta à uma realidade mais profunda, que o fenômeno por si não revela, ao mesmo tempo que tal realidade contém os dados verdadeiros. Por sua vez, a descrição fenomenológica consiste na demonstração da "estrutura específica do fenômeno", o qual, vedado ao nosso conhecimento como "coisa em si", como uma essência externa, remete obrigatoriamente à estrutura da consciência, formadora do fenômeno enquanto tal, pronto em si mesmo. Assim, o fenômeno é seu aparecimento na consciência, sendo impossível averiguar sua aparição fora dela. (Nachmanowicz; 2007)



A música, então, aparece como uma forma de noética e sua vivência (noese) reflete tanto em percepção, retenção e lembrança nos indivíduos que a vivenciam, a experimentam, de diferentes formas e intensidades, dependendo de cada um. Foi exatamente por causa do tema “percepção” que a fenomenologia emergiu no contexto musical. As artes que têm como fundamento a percepção sensível são portadoras de uma forma especial que escapa do mundo expressivo. Então, a fenomenologia ganhou espaço no estudo da música mesmo não sendo uma filosofia da percepção, mas sim do fenômeno e da relação entre fenômeno e consciência. No entanto, por ser desta relação que surgiu o tema da captação intuitiva de um fenômeno enquanto um processo peculiar da consciência, que este tipo de análise ganhou espaço na arte. (Nachmanowicz; 2007)

O método descritivo de Husserl, traz em voga a consciência de nossa percepção, assim a descrição fenomenológica, que põe os indivíduos em contato analítico com suas próprias vivências. A descrição fenomenológica de uma orquestra tocando em um concerto seria uma meta-percepção deste concerto, aquilo que parecia uma percepção já dada do ato de escutar revela relações que não se conscientizaram durante a escuta, assim a descrição se tornar um guia da própria percepção, e por negação, um guia de como não se percebe. As relações da apreciação musical constituem o significado da música para cada um, e este se define a partir da vivência/percepção destas relações. (Nachmanowicz; 2007)

Assim, a compreensão da música existe independente do seu acontecimento, isto é, da sua situação pragmática, onde igualmente se verifica um jogo de diferença e repetição que atualiza seu sentido sempre e emerge da situação e do modo que a música é experienciada e vivida. (Carneiro, 2013) E por isso, seu efeito é tão diverso em cada pessoa e também tão necessário escritas, falas e reflexões sobre sua inclusão no âmbito educacional.

CONSIDERAÇÕES – REFLEXÕES SEMPRE

Com base nas discussões apresentadas nesse artigo, podemos concluir que a relação entre educação musical e cultura é estabelecida pelas próprias relações do homem com a música. Assim, não se pode pensar em um processo educacional desvinculado dos demais aspectos da cultura particular de cada grupo social. Da mesma forma, espera-se da educação e da educação musical não somente uma conformidade com o sistema cultural de uma sociedade, mas sim uma interferência neste, possibilitando a autonomia dos seus sujeitos para configurar novas concepções de música e suas relações. Partir da realidade cultural dos alunos não significa ficar nela. É importante que sejam oferecidas novas opções e proposições para que a música seja experimentada, (re)criada e (re)vivida de forma musical, significativa para a própria experiência de vida de cada ator/aluno envolvido no processo de educação, aprendendo a “ser

humano”, realizando a socialização dos gostos e saberes musicais. Segundo François Guizot (1787), a música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e por isso deve fazer parte da educação do povo.

“As reflexões, ao longo do texto, refletem a crença de que talvez seja possível criar uma pedagogia inspirada pelos princípios da Liberdade, da Diferença e da Solidariedade (Bauman, 1998).

Nessa pedagogia, citada acima, talvez o estranho se torne menos estranho, o gosto musical de um aluno depois de estudado, não se torna tanto estranho assim. Porém, para desenvolver oficinas, com temáticas que envolvam a música, há que se correr riscos e acompanhar cuidadosamente as realizações das propostas acadêmicas. Há que se conviver com a incerteza e tolerar a angústia provocada pela inexorável incompletude dos esforços. Há, ao mesmo tempo, que se preservar uma perspectiva de sonho. Sonho de termos uma escola mais inclusiva e culturalmente respeitosa.

Acreditamos numa relação dinâmica entre cultura, música, educação, vida e estética, e a música como práxis social. Como o resultante da ação consciente do sujeito consigo, com os outros e com o mundo.

O “fenômeno musical”, como ordenador social, permite conhecer de modo mais integral os aprendizes e parte das suas referências de vida. Lidar com a diversidade social e cultural dos nossos alunos significa muito mais do que cantar uma melodia, ou tocar um instrumento; significa compreender que se está lidando com sentidos de realidade, com identidades sociais e culturais que não são fechadas ou estáticas, mas precisam ser compreendidas e respeitadas no âmbito da escola. (PAULA, 2016)

É com uma esperança viva que pela educação podemos melhorar e transformar o mundo que escrevemos este artigo, trazendo um olhar sobre uma temática tão atual e importante para ser vivenciada nas escolas. Que haja mais, diálogo, mais pesquisas e mais inclusão da música nas escolas, não só pela importância da mesma como arte, mas também como um fenômeno matavilioso que também ajuda a tratar as emoções.

AGRADECIMENTOS: Nossa gratidão a docente, Prof^ª Dr^ª Gilvaneide Oliveira que ministrou a disciplina: Ensino e diversidade Cultural (UFRPE/Renon). O amor não está no saber, está na partilha! Partilhar conhecimentos é, sobretudo, um ato de amor, de generosidade, atitude nobre de um grande mestre. (Iolanda Brazão).

REFERÊNCIAS

BASARAB NICOLESCU, O Manifesto da Transdisciplinaridade. **Triom:** São Paulo, 1999.

BOAS, FRANZ. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge **Zahar**, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. **Brasília**, 2018.

BARRETT, M. S., & Stauffer, S. L. (Eds.). Narrative soundings: An anthology of narrative inquiry in music education. Dordrecht, The Netherlands: **Springer**, 2012



- CARNEIRO, PEDRO. Por uma fenomenologia da percepção musical. Simpósio de Estética e Filosofia da Música. **SEFIM/UFRGS**. V. 1, n.1. **Porto Alegre**: 2013.
- ELLSWORTH, ANNA. Teaching Positions: Difference, Pedagogy, and the Power of Address. **Paperback**, 1997
- EDWARD TYLOR. Edward Tylor na Infopédia. Porto: **Porto Editora**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$edward-tylor](https://www.infopedia.pt/$edward-tylor)
- GUIZOT FRANÇOIS. Mémoires pour servir à l'histoire de mon temps. **8 vols.** 1858–1861.
- GORDON, EDWIN E. Teoria de aprendizagem musical competências, conteúdos e padrões; Serviço de educação Fundação Calouste Gulbenkian. **Lisboa Gordon** ,2000.
- HUSSERL, E. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental. 1859-1938
- KODÁLY, ZOLTÁN. Site oficial do Instituto Pedagógico de Música Zoltán Kodály, da **Hungria**. www.kodaly-inst.hu - 1882-1967
- KROEBER, Alfred Louis; Waterman, Thomas Talbot; Sapir, Edward; Sparkman, Philip Stedman. «Notes on California folk-lore». *Journal of American Folklore*. 21 (80): 35–42. JSTOR 534527. doi:10.2307/534527. hdl:2027/uc1.31822005860226
- KEESING ROGER, In: LARAIA, Roque de Barros. Cultura - Um conceito Antropológico. 11. ed. Rio de Janeiro: **Zahar Editor**. 1997.
- MAFFIOLETTI, LEDA DE ALBUQUERQUE . Práticas Musicais na Escola Infantil. In. CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. Educação Infantil: Pra que te quero? Porto Alegre, **ArtMed**, 2001
- NACHMANOWICZ, RICARDO M. Fundamentos para uma análise musical Fenomenológica. Dissertação de mestrado. Escola de música da UFMG. **Belo Horizonte**: 2007.
- PAULA, M.C. MILCA. Revista de Administração Educacional, Recife, **V. 1 . Nº 1** . jan./jun 2016 _____ . Documentário realizado para Disciplina Ensino e Diversidade Cultura (2022.2), **UFRPE/RENOEN**, link: <https://www.youtube.com/watch?v=v0wtddd-34g&t=82s>
- PENNA, M. Música(s) e seu ensino. 2. ed. **Porto Alegre**: Sulina, 2010.
- QUEIROZ, LUIS RICARDO S. Educação musical e etnomusicologia: uma reflexão sobre as contribuições do estudo etnomusicológico para a área de educação musical. In: **CONGRESSO DA ANPPOM**, 14., 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ANPPOM, 2003. p. 772-779. 1 CDROM.
- SANTOS, BOA VENTURA SOUSA. A Cruel Pedagogia do Vírus. **Ed. Almedina**, 2020
- SANTOS, BOA VENTURA SOUZA. Direito dos Oprimidos: sociologia crítica do direito, São Paulo: **Cortez**,2014
- SCHAFER, R. O ouvido pensante. Tradução de Marisa T. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva e Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: **Ed.Unesp**, 1991.
- SCHOPENHAUER, ARTHUR. Metafísica do Belo. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora **Unesp**,2001.